



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Editorial: Justiça Epistêmica em Artes Cênicas

Dodi Tavares Borges Leal

Para citar este artigo:

LEAL, Dodi Tavares Borges. Editorial: Justiça Epistêmica em Artes Cênicas. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 50, abr. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573101502024e0901

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Editorial: Justiça Epistêmica em Artes Cênicas

Dodi Tavares Borges Leal¹

Resumo

Este editorial apresenta a proposta que vetorizou a concepção deste Dossiê Temático, o qual buscou contribuições que problematizam e refletem sobre o contexto atual e histórico de Justiça Epistêmica em Artes Cênicas, abrangendo a produção e difusão de saberes do campo tanto nos contextos criativos como nos meios acadêmicos. Tendo em vista as perspectivas das anticolonialidades este dossiê considerou textos que abordam tópicos de Justiça Epistêmica em Artes Cênicas em todas suas amplitudes e implicações.

Palavras-chave: Justiça Epistêmica. Artes Cênicas. Estética. Anticolonialidades.

Editorial: Epistemic Justice in Performing Arts

Abstract

This editorial presents the proposal that vectorized the conception of this Thematic Dossier, which sought contributions that problematize and reflect on the current and historical context of Epistemic Justice in Performing Arts, covering the production and diffusion of knowledge in the field both in creative and academic contexts. Keeping in view the perspectives of anticolonialities, this dossier considered texts that address topics of Epistemic Justice in the Performing Arts in all its amplitudes and implications.

Keywords: Epistemic Justice. Performing Arts. Aesthetics. Anticolonialities.

Editorial: Justicia Epistémica en las Artes Escénicas

Resumen

El texto posiciona a Pajubá, sociolecto de resistencia trans latinoamericana, en el marco de procesos de reconocimiento cognitivo y justicia epistémica. Teniendo en cuenta el trabajo realizado por el Grupo de Investigación 'Pedagogía de la Performance: visualidades de la escena y tecnologías críticas del cuerpo' (CNPq/UFSB) con el fin de inventariar Pajubá, analizamos cómo los preceptos y procesos de la UNESCO para la preservación del patrimonio inmaterial aplicar en este caso. Utilizando como clave las nociones de injusticia testimonial e injusticia hermenéutica (Fricker, 2023), evaluamos las dimensiones anticoloniales del Pajubá como formación de lenguaje, viéndolo en un viaje de justicia estética.

Palabras clave: Justicia Epistémica. Artes Escénicas. Estética. Anticolonialidades

¹ Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Licenciada em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professora Adjunta do Centro de Formação em Artes e Comunicação da Universidade Federal do Sul da Bahia. [✉ dodi@alumni.usp.br](mailto:dodi@alumni.usp.br)
[📍 http://lattes.cnpq.br/0796146302257664](http://lattes.cnpq.br/0796146302257664) [📄 https://orcid.org/0000-0002-1875-8616](https://orcid.org/0000-0002-1875-8616)

Os adultos da cidade brincavam de fazer as coisas e outros adultos pagavam para vê-los: era o que chamavam de teatro. Quando a arte vira mercadoria, passa a ser uma brincadeira de não fazer nada. O teatro é para fazer as coisas de brincadeira, enquanto a brincadeira na nossa comunidade a brincadeira de fazer coisas de fato. Quando a gente brinca de fazer o Reisado, a gente faz o Reisado. Quando a gente brinca de fazer a roça, a gente cresce aprendendo a fazer a roça, a gente brinca de fazer a roça até fazer a roça de verdade. A gente brinca de fazer as coisas e faz as coisas, enquanto o povo do teatro brinca de não fazer, ou melhor, faz as coisas de brincadeira e não faz as coisas de verdade (Santos, 2023, p.22).

Como se constituem os saberes das Artes Cênicas? De que modo os dispositivos e agenciamentos da autoralidade cênica se configuram em termos de justiça? Sob quais pressupostos éticos se assentam os fazeres consuetudinários e os códigos epistêmicos em Artes Cênicas? Como se dão as jornadas de reconhecimento dos conhecimentos produzidos na dança, teatro, performance, circo, etc.? Quais as relações entre os modos de partilha do fazer cênico com os valores epistêmicos que lhes são atribuídos? Quais as implicações do rebaixamento estético, rebaixamento cognitivo e rebaixamento político para comunidades epistêmicas não-hegemônicas em Artes Cênicas?

Tendo em vista estas questões, o intuito de problematizar e refletir sobre o contexto atual e histórico de Justiça Epistêmica em Artes Cênicas guiou a busca de contribuições para deste Dossiê Temático, que compõe o número 50 da revista Urdimento. Procuramos abranger aqui a produção e difusão de saberes do campo tanto nos contextos criativos como nos meios acadêmicos. Tendo em vista as perspectivas das anticolonialidades este dossiê considerou textos que abordam tópicos de Justiça Epistêmica em Artes Cênicas em todas suas amplitudes e implicações.

As prerrogativas averiguadas preliminarmente na concepção deste Dossiê Temático encontraram confluência com os textos aprovados e aqui dispostos para o público. À título de análise, desenhamos três eixos constitutivos para este compêndio, os quais atravessam, de maneira não-linear e não exaustiva, as investigações teóricas e/ou práticas aqui reunidas. São eles:

- **Epistemologia Social em Artes Cênicas:** manifestações sociais e justiça enquanto epistemologias em Artes Cênicas; processos políticos de produção de saberes da cena: dinâmicas acadêmicas e criativas; linguagens e metodologias sociais das Artes Cênicas; saberes populares, marginais, não-urbanos, não-humanos, periféricos e não cafetinados em Artes Cênicas; tráfico epistêmico; as práticas da crítica, da editoria e da curadoria teatral, de dança e de performance no contexto da justiça epistêmica.

- **Justiça Estética em Artes Cênicas:** processos de reparação estética em Artes Cênicas; dinâmicas epistêmicas de reconhecimento afetivo, cognitivo e social em Artes Cênicas; história e pesquisa estética em Artes Cênicas no âmbito da justiça epistêmica; expedientes de justiça estética da museologia, curadoria e arquivologia em Artes Cênicas; Direitos Humanos e políticas identitárias; burocracia e formalismo jurídico em Artes Cênicas; justiça estética não textocêntrica em artes cênicas.

- **Comunidades Epistêmicas em Artes Cênicas:** Pedagogia das Artes Cênicas e justiça epistêmica; comunidades de aprendizado e de ensinagem dos saberes da cena; políticas públicas em artes cênicas e justiça epistêmica; análises sobre instituições e diretrizes regulatórias da pesquisa e do fomento teatrais, da dança e da performance; direito de expressão, censura e circuitos comunitários de articulações epistêmicas; apropriação epistêmica e epistemicídio; jornalismo e comunidades comunicacionais em Artes Cênicas no âmbito da justiça epistêmica.

O teatro, assim como qualquer outro tipo de arte que é mercantilizado, bloqueia a conversa das almas, porque a arte é a conversa das almas, a arte alimenta a vida, ela não deve ser mercadoria. Ninguém sabe quem compôs as cantigas do Congado, não existe uma patente, todo mundo pode cantá-las. Todo mundo pode tocar as caixas do Congado nos ritmos e nas músicas que o povo compôs. Não se sabe a autoria da maioria das cantigas cantadas no quilombo. Um artista dos nossos uma vez explicou que não escrevia para vender: "Escrevo para o povo cantar, se você quiser cantar, que cante, a música está aí. Por que você precisa comprar uma música para cantar se todo mundo já está cantando? Cante a música, moço!" (Santos, 2023, p. 22-23).

Apesar de não haver a pretensão de dar conta de todos os temas possíveis dentro de cada um destes eixos, e em sua relação, os textos que apresentamos no dossiê provocam uma iniciativa fundamental e ainda muito escassa no campo das Artes Cênicas que é a formulação dos pressupostos de justiça e dos percursos de produção epistêmica.

As marcas coloniais que matriciaram a história da arte no Ocidente determinaram, por exemplo, a égide de práticas e contextos institucionais de *injustiça epistêmica* nas Artes Cênicas. Neste sentido; perguntamos: com quais bases e interlocuções poderíamos examinar e auferir a *confiança epistêmica* em Artes Cênicas?

Muitas definições e concepções de conhecimento expressam algum tipo de confiança epistêmica como uma condição para que o sujeito o detenha, seja como parte de uma condição para crença ou como parte de uma condição para justificação. Se quisermos nomear uma visão epistemológica seminal a esse respeito, então certamente deve ser a ideia de Descartes de que um estado de absoluta confiança na crença — um estado de certeza — é requisito para o conhecimento, posto que a suposição internalista cartesiana se fez sentir em tantas concepções de conhecimento posteriormente. O significado para a presente discussão é que, em qualquer concepção de conhecimento que inclua confiança, as implicações para alguém que se depara com a injustiça testemunhal persistente são sombrias: a pessoa não está apenas sujeita ao insulto epistêmico intrínseco, que é a principal injustiça, mas, onde essa debilitação intelectual persistente faz com que ela perca a confiança em suas crenças e/ou sua justificação para tal, ela literalmente *perde conhecimento*. Talvez alguma parcela de conhecimento que a pessoa detenha seja apagada em uma onda de subconfiança. Ou talvez ela sofra uma erosão prolongada da confiança epistêmica, de modo que esteja permanentemente em desvantagem, repetidamente deixando de obter itens de conhecimento que, de outro modo, teria sido capaz de conseguir (Fricker, 2023, p.76).

Diante de configurações em que a perda de conhecimento se associa ao rebaixamento estético, político e cognitivo de comunidades epistêmicas não-hegemônicas, os estudos de Justiça Epistêmica em Artes Cênicas contribuem, além de outras coisas, para a redução da insegurança do saber e da desconfiança acadêmica na área. Temos que, com desdobramentos a partir deste dossiê, se possa seguir em novas pesquisas que visem consolidar o interesse no exame prático-teórico do Direito em Artes Cênicas tendo em vista as dinâmicas e fricções

entre legibilidade, legitimidade e iterabilidade discursiva, em direção à Justiça Epistêmica.

Pode a arte, altamente marcada pelo neoliberalismo e colonização ser vista como um sistema de justiça? De que forma a partilha comunitária configura outros domínios de fruição epistêmica em Artes Cênicas? Quais dinâmicas de autoridade se consubstanciam em paradigmas individualistas e excludentes da arte? Como reverter condições de injustiça epistêmica em Artes Cênicas? Quais formas de justiça são criadas e recriadas por comunidades epistêmicas não-hegemônicas? O que fazer quando não há confiança epistêmica na academia? Quais as medidas de reconhecimento dos saberes não-universitários e não-humanos em Artes Cênicas? Quais as extensões e possibilidades de justiça social se configuram na dança, teatro, performance, circo, etc.?

Não tivemos aqui a pretensão de esgotar as discussões destas e de outras questões, mas de abri-las e amplificá-las, delineando a maneira como os propósitos e dinâmicas dos fazeres/saberes em Artes Cênicas se dimensionam em termos de justiça.

A arte é a conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada. A cultura é o contrário. Nós não temos cultura, nós temos modos — modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados. Quando a gira está rolando num terreiro e alguém puxa um ponto, todo mundo canta junto. Colocamos uma toada, compartilhamos essa toada e cada um vai com a letra. É assim que fazemos. Dentro da cultura, é preciso se submeter às notas. A cultura é uma coisa padronizada, mercantilizado, colonial. Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles. Quem não sabe tocar piano ou não sabe o que é música erudita, quem nunca frequentou um teatro, quem não frequenta o cinema, para eles, não tem cultura. Para nós, quem não sabe dançar e cantar no batuque, quem não sabe fazer uma comida, quem não se emociona com a cantiga de um pássaro não tem um modo agradável de viver (Santos, 2023, p.23).

Referências

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023, p. 22.



FRICKER, Miranda. *Injustiça Epistêmica: o poder e a ética do conhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023, p. 76.

Recebido em: 23/02/2024
Aprovado em: 25/04/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br